

ECC

Estudos de
Comunicação
e Cultura

Cognition
and
Translatability

Mudam-se os tempos, mudam-se as traduções?

Reflexões sobre os vínculos entre (r)evolução e tradução

Alexandra Lopes
e Maria Lin Moniz [coord.]



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
EDITORIA

A educação cosmopolita. Imagens do outro na literatura infantojuvenil traduzida em Portugal (1940-1974)¹

Alexandra Lopes²

Resumo: Em Portugal, entre os anos 50 a 70 do século xx, os jovens leitores cresceram com uma dieta de traduções. Ainda que houvesse uma tradição considerável de literatura infantojuvenil em português – muito dos escritores mais conhecidos criaram, numa altura ou noutra, poemas e/ou narrativas para o público mais jovem –, alguns subgéneros primavam pela ausência. Histórias de aventura eram, por exemplo, praticamente inexistentes. Daí que os editores lançassem mãos a traduções de obras estrangeiras e a autores como Enid Blyton, Erich Kästner, Lieutenant X, Jules Verne ou Emilio Salgari, entre outros. O presente artigo debruça-se sobre a controversa autora britânica e as traduções de que foi alvo a partir dos anos 40. Na verdade, Blyton tornou-se uma figura favorita do mercado editorial português, vindo as suas coleções mais famosas traduzidas para português europeu. Falamos de «Os Sete», «Os Cinco», «O Mistério».

Juntamente com outras – a «Biblioteca para Raparigas» e a «Biblioteca para Rapazes», bem como as coleções de colégios internos da própria Blyton, como «As Gémeas» e «O Colégio das Quatro Torres» –, estas coleções deram forma à imaginação de gerações de adolescentes numa altura em que o mundo ainda não era global(izado) como hoje e Portugal era o país do «orgulhosamente só». Neste contexto, a leitura de «Os Cinco» constituiu uma inesperada

¹ Este texto é uma versão alargada e retrabalhada de um breve ensaio intitulado «Quem tem medo de Enid Blyton? Notas sobre edições, traduções & outras transformações», publicado em 2017, no volume *Enid Blyton. 75 anos de Os Cinco* (Biblioteca Nacional de Portugal).

² Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.

janela para o mundo, familiarizando jovens leitores com povos, instituições e modos de vida diferentes.

Recorrendo à memória e à experiência da investigadora, bem como à investigação sobre a receção das coleções, o artigo argumenta que, ao tornar os leitores conscientes da diversidade e ao alimentar um gosto pelo estrangeiro, a leitura destas obras constituiu um convite aos jovens leitores para que imaginassem um mundo diverso do seu – pequenos-almoços ingleses e crianças a acampar sozinhas –, e essa experiência produziu uma comunidade particular em redor da tradução (Venuti, 2000), cultivando uma espécie de convivialidade cosmopolita imaginada.

Independentemente do pendor familiar e/ou domesticador dos esforços tradutórios concretos e do conservadorismo das histórias de Blyton, defende-se que estas narrativas terão estimulado uma imaginação cosmopolita que terá tido um impacto na mundividência de, pelo menos, duas gerações de leitores.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Tradução; Cosmopolitismo; Autoria.

***Avant propos.* Da tradução como atenção**

What's beautiful and powerful and ethically valuable about translation is this intense attention to the other, and not only attention, but an identification with a sort of transference. It's a very layered, complex and intimate process to translate another person's words. What is extraordinary is that ability for someone to bring another person's words to life in another language without knowledge of the person, the country that person lived in, in spite of all those layers of difference and separation.

(Lahiri, 27 de abril 2021)

Este ensaio resulta de uma investigação em curso – e, portanto, imperfeita, i.e., inacabada – sobre o impacto que ler literatura infantojuvenil em tradução tem na constituição do tecido imaginativo dos seus leitores. Apesar de ser ainda, em parte, uma «narrativa de intuição» (Steiner 1997: 5), este texto tem como propósito experimentar hipóteses e sondar possibilidades para um estudo mais alargado, que inclua outros autores e línguas diferentes. Por ora,

centrar-me-ei na importação de uma escritora – Enid Blyton – e de uma língua – a inglesa. As razões para a escolha são parcialmente autobiográficas, ensaiando-se, neste texto, um gesto autorreflexivo no pressuposto de que todo o conhecimento é autoconhecimento: «Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento [que não a supostamente objetiva], um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos» (Santos 1996: 53). Assim, partirei de uma reflexão de pendor memorialístico, que assenta na minha formação e experiência enquanto leitora.

Entendo, neste projeto, «tradução» como espaço de atenção ao outro, de negociação entre línguas e espaços, mas também entre temporalidades [i.e., experiências do tempo] e sensibilidades diferentes. Entendo «tradução» como condição e experiência de cosmopolitismo num mundo tendencialmente monolíngue e monolítico, como costuma ser o mundo das ditaduras, com suas certezas, seus fechamentos, a sua mentalidade de nós contra eles.

Parte 1. Em busca de Blyton

Exalto hoje a descoberta dessas vozes
Secretas no meu mundo
(Carvalho 2005: 122)

Falar de Enid Blyton (1897-1968) em 2021 afigura-se um exercício a um tempo fácil e [a]morosamente complexo. A facilidade advém do facto de quem tem mais de 50 anos ter provavelmente aprendido a ler, e, mais importante, a gostar de ler, com as obras, as coleções de Blyton – «Noddy», «Os Sete», «Os Cinco», «O Mistério», «As Gémeas», «O Colégio das Quatro Torres». O tecido imaginativo de quem cresceu nos anos 50, 60 e 70 foi indelevelmente traçado pela escrita e pela Inglaterra descrita por Blyton – Inglaterra mítica, rural, a um tempo aventureira e nostálgica:

[A casa] [f]icava num dos penedos que dava para a baía e parecia bastante antiga. Não era bem um “Casal” mas uma casa muito ampla, construída em pedra branca. Na parede da frente havia muitas roseiritas trepadeiras e o jardim estava cheio de flores de tons alegres. (Blyton 1952: 11-12)

Assim é descrito, em 1952, o Casal Kirrin, espaço em que terão lugar muitas das aventuras dos Cinco.

A tradutora, Maria da Graça Lobato Faria (vols. 1, 2) – posteriormente Moctezuma (a partir do vol. 4), nome de casada –, é uma figura que merecerá um estudo aprofundado pelo contributo que deu à receção da obra de Blyton em língua portuguesa. Dela e do seu trabalho sabe-se muito pouco, se excetuarmos a referência, significativamente em nota de rodapé, que lhe faz Alice Vieira no livro *O Mundo de Enid Blyton* que publicou em 2013.

Maria da Graça Moctezuma, a primeira tradutora portuguesa de *Os Cinco*, para além de traduzir livremente os títulos (*Five Run Away Together* transforma-se em *Os Cinco Voltam à Ilha*; *Five Are Together Again* aparece como *Os Cinco e a Torre do Sábio*, *Five Have Plenty of Fun* chega-nos como *Os Cinco e os Raptos*, *The Children of Kidillin* tem como título *O Rio Misterioso*, etc., etc.), inventa novos nomes. George, que, evidentemente, causa perplexidade a qualquer miúdo inglês que leia e descubra tratar-se de uma rapariga, Georgina – fica para todo o sempre Zé para os miúdos portugueses, que não sentem qualquer tipo de perplexidade, porque raparigas a quem as pessoas chamam Zé – diminutivo normal do popular Maria José – encontram-se por toda a parte.

Nos outros, as mudanças não são de maior: Júlio para Julian, Ana para Anne, David para Dick.

A tradutora reconhece ter feito algumas mudanças a mais, mas eram outros tempos, e tudo o que quis foi aproximar as histórias dos leitores portugueses. Também por isso se permitiu «aportuguesar» algumas das iguarias dos célebres lanches («quem saberia o que era *ginger beer*?») e incluir, de vez em quando, algumas pequenas frases da sua autoria, como, por exemplo, quando os manda tomar banho: «Fazia-me impressão que aquelas crianças nunca se lavassem!», disse. (Vieira 2013: 107)

Independentemente do rigor que podemos ou não reconhecer às traduções de Moctezuma, o impacto que tiveram na formação de leitores e na imagem de Blyton é inegável. Neste particular, há muito por fazer e saber. Um dos meus projetos futuros, com um grupo de investigadores, radica precisamente na vontade de descobrir mais sobre os modos como a literatura traduzida – e a literatura de Blyton, em particular – contribuiu para o aumento da literacia no Portugal do Estado Novo.

Este estudo é o gesto que inaugura um caminho longo e centra-se em dois volumes da coleção «Os Cinco» – *Os Cinco na Ilha do Tesouro* (1952) [*Five on a Treasure Island* (1942)], o primeiro da série, e *Os Cinco e a Ciganita* (1957) [*Five Fall into Adventure* (1950)] –, ambos traduzidos por Maria da Graça Moctezuma.

Para reforçar o meu argumento principal, recorrerei, como pedra-de-toque, às retraduições homónimas, datadas respetivamente de 2011 e 2013, de autoria de Mariana Avelãs. Complementarmente ao meu argumento de que as primeiras traduções terão contribuído para uma educação cosmopolita num espaço «orgulhosamente só», pretendo mostrar, por contraste, como as retraduições obedecem a uma mundividência muito diferente, experiência essa que moldou de forma indelével o público-alvo e as suas expectativas³: «Culture today consists of offers, not prohibitions; propositions, not norms» (Bauman 2011: 13).

da edição como tradução. quem tem medo de enid blyton?

A [a]morosa complexidade de que falava no início começa, porém, ainda antes da tradução das obras de Enid Blyton para português ou qualquer outra língua e resulta das constantes reescritas a que a obra da escritora, e em particular «Os Cinco», foi sendo sujeita ao longo dos tempos. Assim, Blyton documenta bem o processo de reescrita que as obras literárias vão, muitas vezes, sofrendo ao longo dos tempos, de modo a ajustarem-se aos padrões do presente. A reescrita, conceito de André Lefevere, aplica-se a um vasto leque de atividades que vão desde a interpretação à edição, passando naturalmente pela tradução:

³ Uma breve nota metodológica: colocarei os excertos das retraduições entre parênteses retos, a seguir às citações dos textos de Moctezuma, porquanto são evidência de um mundo diferente daquele que aqui se discute – um mundo globalizado em que as imagens e as experiências do outro, ao ganharem fluência, perderam exotismo. «Os Cinco» integram-se, no século XXI, num Portugal muito diferente do dos anos 50-70: a abertura do país à democracia, mas também a aceleração do tempo que meios de transporte e comunicação mais rápidos permitiram, a hegemonia do inglês, entre outras razões, rasgaram horizontes e possibilitam um conhecimento do mundo em tudo diverso daquele sobre o qual aqui reflito.

In the past, as in the present, rewriters created images of a writer, a work, a period, a genre, sometimes even a whole literature. These images existed side by side with the realities they competed with, but the images always tended to reach more people than the corresponding realities did, and they most certainly do so now. (1992: 5)

Falar da obra de Blyton implica – tenhamos ou não consciência disso – discutir edições, critérios e intervenções editoriais, traduções. A obra, que como disse foi sendo sujeita a intervenções periódicas de editores, foi, em 2010, objeto de um processo radical de «sensitive text revisions», em que a Hachette – editora que detém agora os direitos da obra de Blyton – se envolveu com o propósito de «atualizar» os livros de «Os Cinco» aproximando-os da contemporaneidade e da sua «estrutura do sentir», como lhe chamaria Raymond Williams (1971). Tal implicou diversas estratégias em geral de índole vocabular. Assim, eliminaram-se os *golliwogs*, entretanto caídos em desgraça, substituiu-se o omnipresente *queer* [estranho] por *odd*, *funny* ou *peculiar*, entre outros exemplos. Os textos assim revistos procuraram ainda evitar um dos traços mais característicos (e infantis) da escrita de Blyton: a repetição.

Estas intervenções na materialidade do texto não são, ao contrário do que defendia a editora Hachette em 2010 – entretanto, os livros já regressaram a um formato anterior –, nem inocentes nem, sobretudo, incontroversas, já que intervir no texto na sua materialidade significa alterá-lo indelevelmente na sua ideologia e, logo, nas imagens que produz. A questão a discutir é se esta apropriação textual é legítima ou se, pelo contrário, é uma forma de usurpação e colonização do passado pelo presente⁴.

⁴ Questões idênticas colocam-se à obra de muitos escritores dos séculos XIX e XX. Vide, por exemplo, a neutralização a que foram sujeitos *The Adventures of Tom Sawyer* e *The Adventures of Huckleberry Finn* de Mark Twain, de que, numa edição recente da NewSouth Books (2011), se expurgou a palavra *nigger* (substituindo-a, aparece *slave* e *injun*. O editor – Alan Gribben – defende-se afirmando que a linguagem é ofensiva para o leitor contemporâneo e que esta «is emphatically not intended for academic scholars» (2011: XX). A argumentação é, ao mesmo tempo, coletiva e curiosamente pessoal. Senão vejamos: 1. «The n-word possessed, then as now, demeaning implications more vile than any insult that can be applied to other racial groups. There is no equivalent slur in the English language. As a result, with every passing decade this affront appears to gain rather than lose its impact. Even at the level of college and graduate school, students are capable of resenting textual encounters with this pejorative racial appellation.» (*ibid.*: IX). 2. Through a succession of first-hand experiences, this editor gradually reached the conclusion that an optional epithet-free edition of Twain's book is needed today. For nearly forty years I have led

Se, por um lado, estas experiências parecem querer alienar «the pastness of the past» (Eliot 1997: 40), por outro, é bem verdade que «[a] História [também a história literária e, por extensão, a edição] é objecto de uma construção cujo lugar é constituído, não por um tempo vazio e homogéneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora (*Jetztzeit*)» (Benjamin 1986: 39). Nesta medida, editar uma obra de forma a aproximá-la da contemporaneidade, seja linguística, seja culturalmente, é já um ato de tradução alargada, em que se pondera acerca da conceção de um texto, acercando-o da comunidade imaginada de leitores que o recebem.

reescrita e censura, reescrita ou censura?

Ao debruçarmo-nos sobre a reescrita de Blyton, verificamos que, se, por um lado, a editora Hachette parecia apostada em apagar vestígios de uma mundividência marcada por traços que nos aparecem hoje como inaceitáveis do ponto de vista das práticas discursivas sobre raça, não interveio, de forma consequente, noutras questões, por exemplo as de género. Em «Os Cinco», as personagens são apresentadas de forma convencionalmente «feminina» e «masculina», o que terá servido para propagar imagens estereotipadas do que deveria esperar-se de uma «rapariga» e de um «rapaz». A literatura – e a literatura infantojuvenil traduzida – institui-se, defendendo, como espaço de representação privilegiado para sugerir comportamentos «adequados», nomeadamente no que se refere à constituição do género.

college classes, bookstore forums and library reading books in detailed discussions of Tom Sawyer and Huckleberry Finn in California, Texas, New York, and Alabama, and I always found myself unable to utter the racist put-downs spoken by numerous characters, including Tom Sawyer and Huckleberry Finn. (*ibid.*: X-XI) As razões são políticas, em sentido lato, e apontam para um conjunto de fatores que transcendem, embora informem, as práticas editoriais. Enumero algumas: (a) alargamento do público-leitor; (b) alteração da sensibilidade acerca da raça; (c) consciencialização de que as práticas discursivas discriminam; (d) conceção particular de literatura, que é vincadamente contemporânea e possivelmente a-histórica. Por seu lado, a casa editora anuncia na sua página na Internet que: «At NewSouth, we saw the value in an edition that would help the works find new readers. If the publication sparks good debate about how language impacts learning or about the nature of censorship or the way in which racial slurs exercise their baneful influence, then our mission in publishing this new edition of Twain's works will be more emphatically fulfilled.» (<http://www.newsouthbooks.com/pages/2011/01/04/a-word-about-the-newsouth-edition-of-mark-twains-tom-sawyer-and-huckleberry-finn/>, 2012). Encontramos aqui razões próximas das invocadas pelos editores de «Os Cinco».

Na versão de 2010, a Zé [George] ainda é uma rapariga que quer ser rapaz, por causa das diferenças de género, e os papéis desempenhados por raparigas e rapazes permanecem claramente distintos. Um exemplo terá de bastar aqui:

1.

“Did you get spanked?” said Anne. “I wouldn’t like to be rude to your father. He looks fierce.”

George looked out over the bay. Her face had gone sulky again. “Well, it doesn’t matter what punishment I got,” she said, “but the worst part of all was when Father said I couldn’t keep Timothy any more, and Mother backed Father up and said Tim must go. I cried for days – and I never do cry, you know, because boys don’t and I like to be a boy.” (Blyton 1957: 31)

2.

“Did you get told off?” said Anne. “I wouldn’t like to be rude to your father. He looks fierce.”

George looked out over the bay. Her face had gone sulky again. “Well, it doesn’t matter what punishment I got,” she said, “but the worst part of all was when Father said I couldn’t keep Timothy anymore, and Mother backed Father up and said Tim must go. I cried for days – and I never do cry, you know, because boys don’t and I like to be a boy.” (Blyton 2009: 25-26)

3.

– Deram-te alguma sova? – perguntou Ana. – Eu não teria coragem de ser mal-educada em frente do teu pai. Ele assusta-me tanto!

A Zé contemplava a baía, mais uma vez. Voltara-lhe a expressão de aborrecimento. – Não interessa o castigo que me deram, – disse ela. – O pior de tudo foi quando o pai disse que eu não podia ficar com o Tim, e a mãe concordou, mandando o Tim embora. Chorei dias e dias; eu que nunca choro, como sabem, pois os rapazes também não choram e eu gosto de proceder como um rapaz. (Blyton 1952: 29)

[4.

– E puseram-te de castigo? Não me imagino a responder mal ao teu pai; ele parece tão severo – disse a Ana.

A Zé desviou os olhos para a baía, fazendo de novo uma expressão rancorosa.
– Não importa qual foi o castigo. O pior de tudo foi que o pai disse que eu não podia ficar com o Tim e a mãe concordou. Mandaram-no embora. Fartei-me de chorar durante dias a fio – e olhem que eu *nunca* choro, porque isso é coisa de raparigas e eu quero ser como um rapaz. (Blyton 2011: 35)]

Porém, o elogio do Tio Quentin [Alberto] no fim do texto – «You’re as good as a boy any day!» (Blyton 1957: 183) / «Podes comparar-te aos melhores rapazes» (Blyton 1952: 184) – desaparece nas versões posteriores [em português, «E também estou muito orgulhoso de ti, Zé!» (Blyton 2011: 175)]. Isto parece contradizer as palavras do editor que declarara que «[t]he actual stories remain the same – there’s no change to the plot whatsoever [...]. Children who read [the Famous Five books] need to be able to easily understand the characterisations and easily to get into the plots. If the text is revised [they’re] more likely to be able to engage with them» (Flood 2010). Ainda que aceitemos a premissa de que «[re]writing manipulates, and it is effective» (Lefevere 1992: 9), teremos de nos perguntar o que pretendiam os editores porque, visto mais de perto, o impulso de atualização parece mais complexo e ambíguo do que poderíamos pensar.

Por outro lado, todo o esforço «pedagógico» parece assentar numa menorezação do discernimento de crianças e adolescentes, ao mesmo tempo que esquece que as palavras produzem sentidos e que não pode haver «semelhança» ou «identidade» quando *tinker* se torna *traveller*. Na verdade, o uso de cada uma destas palavras corresponde a uma diferente experiência do tempo e do espaço. Reescrever torna-se aqui – como noutros casos – profundamente ambivalente, um gesto cindido entre o impulso didático para modernizar e a nostalgia da originalidade absoluta.

Talvez por isto a editora tenha decidido recentemente voltar a versões mais conservadoras, admitindo que as reescritas mais radicais não tinham sido bem recebidas pelos leitores (Williams 2016). De resto, como Tony Summerfield, que dirige a Enid Blyton Society, afirma:

[T]o a child it wouldn’t make any difference what edition they read. The 2010 versions will only be reverting back to the text of the already revised versions from the 1990s – so [they are] not even Blyton’s original texts, although those revisions were just small word changes, not completely rewritten like the 2010

editions. Chances are, a child who picks up the “classic” edition is reading a different version to their parents anyway. (Williams, 17.09.2016)

Parte 2. Educação cosmopolita – da memória ao conhecimento

[T]he strong connection between education and children’s literature has entailed the prescription that such texts should not only be within their cognitive and emotional capacity but also help develop such capacities. (Alvstad 2018: 7)

Proponho que ler em criança literatura traduzida configura a imaginação de maneiras inesperadas. Particularmente quando essa leitura é quase desacompanhada de textos escritos originariamente na língua primeira da criança, o que aconteceu às gerações de que aqui vou falar. Sugiro que esta «dieta» poderá ter aberto o apetite para aquilo que Kwame Anthony Appiah chama «imaginary strangers» (2006). Crescer nos anos 70, quando o inglês ainda não era, em Portugal, a língua estrangeira dominante que é hoje, poderá ter significado que a tradução constituiu, para mim e para a minha geração, um espaço de possibilidade em que, nas palavras felizes do filósofo espanhol Ortega y Gasset, o leitor «[d]escansa así de sí mismo y le diverte encontrarse un rato siendo outro» (Ortega y Gasset 1935 *in* López García 1996: 446). Não que fôssemos, dos 7 aos 12 anos, linguisticamente conscientes, mas líamos as coleções de Blyton como se viajássemos por um país estrangeiro. Perguntávamo-nos como se pronunciava *Kirrin* e o que seria um *scone*. Os pequenos-almoços e os lanches pareciam-nos tão bizarros quanto deliciosos.

Daí que me interesse investigar os modos como ler avidamente Enid Blyton terá produzido um tipo particular de imaginação, caracterizado por uma *boundarylessness*, para utilizar um termo do sociólogo alemão Ulrich Beck. Na paisagem racial e linguisticamente homogénea do Portugal dos anos 50, 60 e 70, ler Blyton e, claro, outros autores, poderá ter possibilitado às crianças criar «[a]n everyday, historically alert, reflexive awareness of ambivalences in a milieu of blurring differentiations and cultural contradictions» para usar a definição tentativa de Beck do que é a atitude cosmopolita (2006: 3).

Que esta inclinação tenha sido potenciada por textos que se apresentam como monorraciais – todos os meninos são brancos –, convencionais do ponto de vista do género – as «meninas» cozinham e os «rapazes» são destemidos – e tradicionais da perspectiva de Inglaterra que descrevem, constitui uma discrepância criativa e curiosa que urge explorar – até porque a «diferença» depende sempre da «mesmidade» e cada tradutor é chamado a tomar decisões concretas.

Every translator has to make choices about staying close to the source text and adapting the text for a new audience. In other words, does s/he bring readers closer to the original text or does s/he bring the text closer to the readers? This choice between what is often called foreignization or domestication can be made for the text as a whole, but also for specific textual elements. When a translator translates for children, this choice becomes all the more acute. The difference in age and experience between an adult translator and his/her readers causes him/her, consciously or not, to reflect more carefully on the audience. (Coillie 2020: 144)

Os textos de Blyton estão, na verdade, longe de ser revolucionários, seja qual for a perspectiva por que os leiamos – exceção feita, claro, ao espaço de liberdade que parecem instituir: as crianças em «Os Cinco» têm uma autonomia incomum, que lhes possibilita uma forma invulgar de agenciamento, potenciada pela deslocação num espaço de que os adultos estão frequentemente ausentes. Gostaria de sugerir que esta incomum liberdade é lida em tradução como marca singular de outra cultura, i.e., como traço exótico. Daí que as traduções de Moctezuma, apesar de tenderem para a naturalização, constituam, durante os anos 50, 60 e 70, uma janela aberta para um admirável mundo novo – um espaço de independência e aventura, exótico porque claramente vinculado a um espaço e a uma experiência diferentes dos dos leitores em Portugal. As escolhas da tradutora – e veremos que evoluem ao longo do tempo – mostram, como vimos acima na citação de Alice Vieira, um grau agudo de consciência em relação às opções pela domesticação ou estranhamento dos textos.

Se aceitarmos que, como diz Stuart Hall, «[w]ho I am – the “real” me – was formed in relation to a whole set of other narratives» (Hall 1987: 44), então as histórias que nos obrigam, ainda que na imaginação, a sair de nossa casa

convidam-nos a pensar no mundo como geografia de diferença, como lugar em que a identidade é sempre formada pela alteridade, i.e., pelo estrangeiro. Como diz Lawrence Venuti, «[a]ny community that arises around a translation is far from homogeneous in language, identity, or social position» (2013: 20), porque fica exposta àquilo que poderíamos designar por efeitos do estrangeiro no doméstico. Por isso, proponho que, por mais «ensimesmada» que seja, a tradução pressupõe sempre uma deixis – a assunção de que o outro existe e nos implica: dizer «eu» antecipa sempre um «tu», assim como a tradução imagina sempre – i.e., produz imagens de – um outro [texto, autor, língua, cultura]. Neste sentido tem razão Zohar Shavit (2020: 75) quando afirma que «every translation is cultural in the sense that it is always the result of an ongoing dialogue between at least two cultural systems and of continuous tensions between the demands of the source and the target systems», polemizando – o que não é meu intuito aqui – contra certos entendimentos do conceito de «tradução cultural». Nesta conceção precisa, traduzir significa sempre deixar-se aproximar / contaminar / habitar pelo outro, implicando o compromisso que advém de «só no rosto do outro, seu espelho, o sujeito se reconhece[r] enquanto tal, e como sujeito ético» (Barrento 2002: 127). Este reconhecimento depende da disponibilidade para acolher o outro como exterior ao eu e ao que o eu contém.

Na comparação que farei aqui, vou deter-me em três aspetos em que a diversidade dos modos de vida potencia uma experiência da identidade como diferença, condição talvez fundamental para o desenvolvimento de um comportamento cosmopolita. São eles (a) a toponímia e ortonímia, (b) a gastronomia e (c) a aventura.

o que há num nome

Os nomes das personagens são um lugar que vincadamente ancora a tradução num tempo e num espaço específicos. Aquilo que era norma até meados do século xx – a tradução dos nomes próprios, particularmente quando se tratava de literatura infantojuvenil – é hoje impensável: Harry Potter jamais poderia ser Henrique Potter. O facto de vivermos hoje numa sociedade globalizada, em que o inglês é a língua dominante e há uma maior mobilidade de bens e práticas culturais, tornou obsoleta e desnecessária a tradução dos

nomes próprios como estratégia de aproximação entre textos traduzidos e leitores da cultura de chegada. Hoje, a maior parte das crianças em Portugal sabe o que é um *scone*, já provou *scones* e talvez uma parte significativa já tenha até comido *scones* na Grã-Bretanha. O mundo tornou-se mais fluido:

Different cultures have more common components than before, and individuals around the world are selecting from a commonly diverse menu of choice. The freedom to be different also means the freedom to sometimes choose the same things. (Cowen 2002: 129)

A isto acresce o facto de as crianças aprenderem hoje inglês desde a instrução primária, o que significa uma familiarização maciça com quadros linguísticos e culturais sem precedentes na cultura portuguesa. Há que não esquecer também o lugar central dos meios de comunicação social e das redes sociais – em todos eles, as crianças contactam com a língua inglesa. As implicações são evidentes e enormes: o cosmopolitismo de hoje difere radicalmente da experiência do mundo de ontem.

Nas traduções dos anos 50 a 70 do século xx, os nomes das personagens foram todos aportuguesados: Julian, Dick, Anne and George ficaram conhecidos pelos nomes respetivamente de Júlio, David, Ana e Zé; já os tios Fanny and Quentin, no original de Blyton, são a tia Clara e o tio Alberto⁵. Todos os nomes, exceto curiosamente o do cão Tim⁶ – mas que líamos à portuguesa –, eram adaptados à cultura portuguesa, numa possível estratégia de identificação pela proximidade. Há também outro tipo de nacionalizações: no volume 9, o jornal *The Daily Clarion* passa a *Diário de Notícias*, i.e., o título de um jornal de referência em Portugal, na primeira versão portuguesa, enquanto, na segunda, é *Clarim Diário*, uma designação de traço exotizante e vincadamente literal.

Já o nome dos topónimos sofre diferente sorte, sendo o mais evidente Kirrin. Mais uma vez me recordo de discutir com os meus colegas na escola

⁵ Diz Ceri Radford, num artigo publicado a 28 de novembro no *Independent*, que «two of the Famous Five, Fanny and Dick, have been astutely renamed», provavelmente devido às conotações sexuais que os nomes entretanto adquiriram, mas isso não acontece nas edições a que me refiro aqui.

⁶ Curiosamente, o nome do cão aparece, nas retraduações, grafado em itálico, o que não sucedia nas primeiras traduções.

primária como se pronunciaria esta palavra, o que poderá atestar um grau de consciência de que estávamos a ler uma tradução.

Um sinal do êxito de «Os Cinco» em tradução é o facto de as versões produzidas já no século XXI não terem ousado, ao contrário do que é a estratégia habitual nos nossos dias, regressar aos nomes de origem. Editora e tradutoras decidiram manter os nomes da primeira tradução. Os nomes de personagens que povoaram a nossa infância importam, porque fazem parte de uma tessitura imaginativa que nos implica e constrói. Este episódio é uma espécie de inversão do exemplo da avó de Proust, em *Sodoma e Gomorra*, exemplo que Bassnett e Lefevere discutem na introdução ao livro *Translation, History & Culture* (1990). Cito-o na versão de Pedro Tamen:

E eu contara-lhe enfim o que a minha avó pensara dos nomes gregos que Bloch, seguindo Leconte de Lisle, dava aos deuses de Homero, chegando até, nas coisas mais simples, a considerar que adoptar uma ortografia grega era um dever religioso, em que acreditava consistir o talento literário. [...] [S]e uma *Odísseia* donde estivessem ausentes os nomes de Ulisses e Minerva já não era para ela a *Odísseia*, que teria ela dito ao ver já deformado na capa o título das suas *Mil e Uma Noites*, e não encontrando já, exactamente transcritos como desde sempre fora habituada a dizê-los, os nomes imortalmente familiares de Xerazade ou de Dinarzade, num livro onde, também eles desbaptizados, se é que se pode utilizar a palavra para contos muçulmanos, o encantador Califa e os poderosos Génios mal se reconheciam, um chamado o «Khalifat» e os outros os «Gennis»? (Proust, 2003: 242-243)

Este passo de *Em Busca do Tempo Perdido* ilustra bem o conhecimento e as expectativas que a tradução produz ao criar imagens dos nossos outros. Trata-se afinal de confiarmos nos tradutores que lemos na infância.

gastronomia

A um investigador de literatura inglesa, a Inglaterra representada n'«Os Cinco» lembra imediatamente um texto de George Orwell escrito em 1941 – «England, Your England». Nele o autor afirma:

Yes, there is something distinctive and recognizable in English civilization. [...] It is somehow bound up with solid breakfasts and gloomy Sundays, smoky towns and winding roads, green fields and red pillar-boxes. It has a flavour of its own. (Orwell, 1957: 64)

«Pequenos-almoços robustos» e «campos verdes» despertam, de facto, memórias. Para uma criança de oito anos que não sabia o que era um *scone*, as refeições descritas (e eram muitas, sempre cozinhadas pela tia Clara ou pela personagem que é a epitome da feminilidade: Ana) eram uma delícia, embora, claro, muitas fossem cortadas. Uma investigação ainda superficial revela uma evolução curiosa neste particular nas traduções dos anos 50 a 70. De facto, ao reler o primeiro volume, quarenta anos depois, fui surpreendida pela omissão da «estranheza» no primeiro volume – aqui a memória contrariava o que encontrei, porque, lembrando-me eu de conversas tidas na escola primária, não descobri no primeiro volume comprovação dessas memórias. Três exemplos de *Os Cinco na Ilha do Tesouro* mostram o impulso claro da tradução para se esquivar a descrições que poderiam ser consideradas «estranhas».

Exemplo 1a.

They were all hungry. The smell of bacon and eggs was very good. They ran down the stairs and said good morning to their aunt. (Blyton 1957: 22)

Todos tinham apetite. Correram pelas escadas e entraram na sala de jantar. (Blyton 1952: 20)

[Estavam os três esfomeados, e o cheiro a ovos com *bacon* era absolutamente delicioso. Desceram as escadas a correr e deram os bons-dias à tia... (Blyton 2011: 25)]

Exemplo 1b.

They were all very hungry at lunch time. They went back up the cliff path, hoping there would be lots to eat – and there was! Cold meat and salad, plum-pie and custard, and cheese afterwards. How the children tucked in! (Blyton 1957: 36)

Enquanto regressavam a casa, todos cheios de fome, só pensavam nos bons petiscos que estariam à espera deles; e não se enganaram!

Ao almoço pareciam devorar! (Blyton 1952: 35)

[À hora do almoço, estavam esfomeados. Fizeram o caminho de regresso pelo penhasco acima, desejando que houvesse imensa comida à espera deles –

e havia mesmo! Carnes frias com salada e tarte de ameixa com creme, seguidas de queijo. E não se fizeram rogados... (Blyton 2011: 41)]

Exemplo 1c.

Aunt Fanny had baked scones for them, and had made ginger cake with black treacle. It was dark brown and sticky to eat. The children finished it all up and said it was the nicest thing they had ever tasted (Blyton 1957: 73)

A tia Clara fizera uns biscoitos deliciosos e um grande bolo de chocolate. Os pequenos comeram-no todo, afirmando que era a melhor guloseima do mundo. (Blyton 1952: 72)

[[H]avia scones acabados de tirar do forno, e a tia Clara ainda fizera um bolo de gengibre com melaço. Esta castanho-escuro e pegava-se aos dedos. As crianças devoraram tudo num instante e juraram que tinha sido o melhor lanche de todos os tempos! (Blyton 2011: 77)]

Porém, ao trabalhar volumes subsequentes verifiquei que a memória não me traía e que, gradualmente, a tradutora tinha decidido incluir os tais «robustos pequenos-almoços». Assim, em *Os Cinco e a Ciganita* (vol. 9), podemos ler:

Exemplo 2a.

Soon they were all sitting round the tea-table at Kirrin Cottage, and their Aunt Fanny was handing round plates of her nicest scones and tea-cake. (Blyton, 1950: 18)

Pouco depois estavam todos sentados à mesa do lanche, no Casal Kirrin, com a tia Clara a servir-lhes os seus «scones» e um bolo que também era a sua especialidade. (Blyton 1974: 9-10)

[Não tardaram a estar todos sentados à mesa, no Casal Kirrin, diante dos deliciosos scones e biscoitos da tia Clara... (Blyton 2014: 15)]

Exemplo 2b.

'Cold ham and tongue – cold baked beans – beetroot – crisp lettuce straight from the garden – heaps of tomatoes – cucumber – hard-boiled egg!' recited Anne in glee.

'Just the kind of meal I like,' said Dick, sitting down. 'What's for pudding?'

'There it is on the sideboard,' said Anne. 'Wobbly blancmange, fresh fruit salad and jelly. I'm glad I'm hungry.' (Blyton, 1950: 30)

«Carne assada, fiambre, beterrabas, chicória acabada de colher, tomates, pepinos, ovos cozidos, – ia nomeando a Ana, muito gulosa.

– Este género de almoço é o melhor que há para mim, – disse o David. – E a sobremesa?

– Está ali no aparador, – disse a Ana. – Salada de frutas e geleia. Ainda bem que estou cheia de apetite. (Blyton 1974: 24)

[– Fiambre! Feijão guisado! Beterrabas! Alface acabadinha de vir da horta! Montanhas de tomate! Pepinos! Ovos cozidos! – recitou a Ana deliciada.

– É mesmo o tipo de refeição de que eu gosto! – exclamou o David, sentando-se à mesa. – O que é a sobremesa?

– Está aqui, no aparador – apontou a Ana. – Manjar-branco, salada de frutas e gelatina. Ainda bem que estou cheia de fome! (Blyton 2014: 29)]

Exemplo 2c.

So Joan knew nothing about the night's happenings, and they heard her cheerfully humming in the kitchen the next morning as she cooked bacon and eggs and tomatoes for their breakfast. (Blyton 1950: 38)

Assim, na manhã seguinte, a cozinheira nada sabia sobre o sucedido durante a noite, e as crianças ouviam-na cantarolar alegremente na cozinha, enquanto preparava os ovos com presunto e tomates, para o pequeno almoço. (Blyton 1974: 32)

[Assim, a Joana estava completamente a leste de tudo o que se passara durante a noite, e as crianças escutaram-na a cantarolar alegremente na cozinha na manhã seguinte, enquanto lhes preparava um pequeno-almoço de bacon, ovos e tomate. (Blyton 2014: 38)]

Estes exemplos revelam duas evidências: por um lado, Maria da Graça Moctezuma está consistentemente preocupada com a verosimilhança na língua e cultura de chegada – assim se explica *ginger cake* se torne «bolo de chocolate» (exemplo 2a) e *tongue* se transforme em «carne assada» (exemplo 2b); por outro lado, parece gradualmente compreender a atração que as comidas invulgares no quotidiano dos portugueses poderiam ter no êxito dos livros, começando por isso a negociar a introdução de uma medida de estranheza nas narrativas em português. A gastronomia instituiu-se assim como lugar imaginário de exploração e aventura, i.e., de experimentação de espaços diferentes.

Já as traduções do século XXI fazem jus a uma mundividência menos «provinciana», pressupondo já que os seus leitores sabem o que é *bacon* ou *scone*, embora, curiosamente, recuem perante a referência a *tongue* – um sinal de que a diferença de paladares e hábitos alimentares é culturalmente informada.

aventura

Um as brevíssimas palavras acerca deste último item, aquele que até agora explorei menos. Quando lemos, por exemplo no sítio da Enid Blyton Society, testemunhos de leitores, rapidamente percebemos que aquilo que fascinava os leitoras de gerações mais antigas, como eu, era o espaço de aventura e liberdade que as quatro crianças de «Os Cinco» nos revelavam: num mundo que era ainda fortemente nacional, a convivência com estas personagens que ficavam sozinhas em casa, iam acampar sem a supervisão de adultos, se metiam em confusões de que saíam sempre incólumes criava um espaço de possibilidade que se materializava imaginativamente pela alteridade – eram ingleses, dizíamos. Num certo sentido, aprendemos a «saber cómo llamar a los otros» e a «ser capaces de nombrar-los comprendiéndolos y aceptándolos en su diferencia, en la multiplicidade de sus diferencias» (Canclini 1999: 125). Conhecer os nossos outros, imaginando-os iguais a nós e, ainda assim, desafiadores e entusiasmantes, é um passo importante para escapar ao ensimesmamento. Claro que há que ter presente que estes outros estão enraizados numa cultura de prestígio, havendo, portanto, que incluir as questões de poder nesta reflexão. Os outros não são, como sabemos, todos iguais. Alguns «outros» são construídos como ameaça ou perigo. Nem todas as aventuras são igualmente apetecíveis. Porém, a tradução é um lugar em que potencialmente se podem contrariar «os perigos da história única», para citar Chimamanda Ngozi Adichie (2009).

O que me parece certo é que «Os Cinco» constituíram no Portugal da ditadura um lugar de negociação entre uma política do «orgulhosamente sós», com a sua arrumação rígida de géneros e papéis sociais, e a possibilidade do outro, na radicalidade da sua diferença – neste sentido, traduzir «Os Cinco», e tornar esta forma de convivência apetecível, constituiu a condição *sine qua non* para a aventura do encontro, ainda que controlado, com o outro.

Parte 3. A idade da inocência e o cosmopolitismo: considerações finais.

Las sociedades narran sus câmbios y los conflictos entre los grupos que las forman, [...] imaginando mitos y estereótipos. (Canclini 1999: 107)

Estou convencida – apesar de o estudo ainda ser preliminar – de que as imagens de uma certa Inglaterra que se traduzia em aventuras inauditas, gastronomia invulgar e alguns (poucos!) nomes menos familiares despertavam uma certa consciência da diferença e, mais importante, faziam a diferença parecer apelativa.

Não que as traduções de Maria da Graça Moctezuma fossem, por critérios hodiernos, impolutas. Pelo contrário, são habitadas por omissões e tresleituradas. Porém, conseguiram criar um misto de espanto e familiaridade perante uma paisagem emocional de que, no mundo pré-globalizado, pouco sabíamos. Criaram, assim, uma comunidade de leitores que se deleitava na «estranheza».

Por isso podemos talvez afirmar que a literatura infantojuvenil traduzida naquelas décadas, apesar de ficar muitas vezes dividida entre o ímpeto da legibilidade e a descrição de uma realidade diferente da nossa, se tornou um exemplo de uma espécie particular de cosmopolitismo, tanto mais eficaz quanto a literatura infantojuvenil em português era ainda relativamente impopular – é neste impulso que vejo um gesto transformador e, logo, potencialmente revolucionário. Embora aparentemente frágil, esta «contaminação» – o termo é de Appiah – foi, sugiro, duradoura porque «infetou» e enformou mentes jovens não expostas, na sua maioria, a muitas outras formas de diferença. «A tenable cosmopolitanism tempers a respect for difference with a respect for actual human beings» (Appiah 2006: 113) – talvez seja isto que a literatura infantojuvenil traduzida, e em particular a de Enid Blyton nas décadas de 50, 60 e 70, fez de melhor e mais ousado: promover um respeito por seres humanos concretos, na medida em que convidava as crianças a porem-se na pele de outras e a ver o mundo pelos olhos destes outros, por mais estereotipados que estes fossem. Os lugares-comuns acerca do género e das diferentes raças, que tornam hoje Enid Blyton uma escritora controversa, construíam para nós, que líamos os textos em tradução, uma geografia ambivalente: por um lado, perpetuando

papéis sociais e conservadores valores simbólicos e, por outro, animando-nos a interessar-nos por personagens a um tempo tão parecidas e tão distantes de nós. À sua pequena escala, estas traduções abriram à minha geração um espaço de liberdade imaginativa, a que talvez não seja inoportuno chamar «revolucionário», no sentido em que os textos nos convidavam a imaginar-nos outros e, não menos importante, a acolher a diferença como potencialidade a abraçar. Não será porventura demasiado ousado dizer que Maria da Graça Moctezuma assume, ainda que parcial e talvez inconscientemente, «a irredutibilidade do próprio e do estrangeiro» e é recompensada «pelo reconhecimento do estatuto intransponível do acto de traduzir como horizonte racional do desejo de traduzir. A despeito da agonística que dramatiza a tarefa do tradutor, este pode sentir prazer com aquilo a que gostaria de chamar *hospitalidade linguística*» (Ricoeur 2005: 20). Se é verdade que esta assunção permanece nesta fase especulativa, a experiência de leitora nos anos 70 leva-me a insistir em que, pelas suas traduções, vivemos essa espécie de hospitalidade, a que não sabíamos dar nome, mas integrou – e integra – a tessitura imaginativa de uma geração ou duas.

Estudar o impacto da escrita e reescritas de Enid Blyton, com todas as suas contradições, ambivalências e hesitações, constitui um exercício exigente de tentar perceber quem somos e como, através de muitas metamorfoses, chegámos aqui.

Bibliografia citada

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. 2009. «The Danger of the Single Story» https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt, último acesso: 20-04-2017.
- APPIAH, Kwame Anthony. 2006. *Cosmopolitanism. Ethics in a World of Strangers*. London and New York: Penguin.
- BARRENTO, João. 2002. *O Poço de Babel. Para uma Poética da Tradução Literária*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BASSNETT, Susan e André Lefevere (eds.). 1990. *Translation, History & Culture*. London and New York: Cassel.
- BAUMAN, Zygmunt. 2011. *Culture in a liquid modern world*, trans. Lydia Bauman. Cambridge and Malden: Polity.
- BECK, Ulrich. 2006. *Cosmopolitan Vision*. Cambridge and Malden: Polity Press.
- BENJAMIN, Walter. 1986. «Sobre o Conceito de História», trad. João Barrento, João Barrento (org.), *História Literária. Problemas e Perspectivas*. Lisboa: apáginastantas, 37-41.

- BLYTON, Enid. 1942. *Five on a Treasure Island*. London: Hodder & Stoughton.
- BLYTON, Enid. s.d. [1952]). *Five Fall Into Adventure*. London: Hodder & Stoughton.
- BLYTON, Enid. 1952. *Os Cinco na Ilha do Tesouro*, trad. Maria da Graça Lobato Faria. S.I.: Empresa Nacional de Publicidade.
- BLYTON, Enid. 1974 [1957]. *Os Cinco e a Ciganita*, trad. Maria da Graça Moctezuma. S.I.: Empresa Nacional de Publicidade.
- BLYTON, Enid. 2010. *Five on a Treasure Island*. London: Hodder Children's Books.
- BLYTON, Enid. 2011. *Os Cinco na Ilha do Tesouro*, trad. Mariana Avelãs. Alfragide: Oficina do Livro.
- BLYTON, Enid. 2014. *Os Cinco e a Ciganita*, trad. Mariana Avelãs. Alfragide: Oficina do Livro.
- CANCLINI, Néstor García. 1999. *La globalización imaginada*. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós.
- CARVALHO, Armando Silva. 2005. *Sol a Sol*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- COILLIE, Jan van. 2020. «Diversity can change the world: Children's literature, translation and images of childhood», Jan Van Coillie, Jack McMartin (eds.), *Children's Literature in Translation. Texts and Contexts*. Leuven: Leuven University Press, 141-156.
- COWEN, Tyler. 2002. *Creative Destruction. How Globalization Is Changing the World's Cultures*. Princeton and Oxford: Princeton University Press.
- ELIOT, T. S. 1997. *The Sacred Wood. Essays on Poetry and Criticism*. London: Faber and Faber.
- FLOOD, Alison. 2010. «Enid Blyton's Famous Five get 21st-century makeover», *The Guardian*, <https://www.theguardian.com/books/2010/jul/23/enid-blyton-famous-five-makeover>, 23 de julho, acessado em 20.04.2017.
- HALL, Stuart. 1987. «Minimal Selves», Lisa Appignanesi (ed.), *The Real Me: Postmodernism and the Question of Identity*, ICA Documents 6. London: The Institute of Contemporary Arts, 44-46.
- LAHIRI, Jhumpa. 2021. «Jhumpa Lahiri on Her New Novel Whereabouts and the Power of Translation», <https://time.com/5958342/jhumpa-lahiri-whereabouts/>, acessado em 03.05.2021.
- LEFEVERE, André. 1992. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge.
- LOPES, Alexandra. 2017. «Quem tem medo de Enid Blyton? Notas sobre Edições, Traduções & outras Transformações», Rogério Miguel Puga (ed.), *Enid Blyton (1897-1968). 75 Anos de Os Cinco*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 13-22.
- ORTEGA Y GASSET, José. 1996. «Miseria y splendor de la traducción», Dámaso López García (ed.), *Teorías de la Traducción. Antología de Textos*. Cuenca Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 428-446.
- ORWELL, George. 1957. «England, Your England», *Inside the Whale and Other Essays*. London and New York: Penguin Books, 63-90.
- PROUST, Marcel. 2003. *Sodoma e Gomorra, Em Busca do Tempo Perdido*, vol. IV, trad. Pedro Tamen. Lisboa: Relógio D'água.
- RADFORD, Ceri. 2018. «Enid Blyton 50 years on: Let's be more critical about books venerated in the past», in *The Independent*, 28 de novembro, enid-blyton-50-years-anniversary-death-legacy-childrens-books-author-a8648281.html (acessado em 28.11.2018.)
- RICOEUR, Paul. 2005. *Sobre a Tradução*, trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Cotovia.
- SANTOS, Boaventura Sousa. 1996. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- SHAVIT, Zohar. 2020. «Cultural translation and the recruitment of translated texts to induce social change: The case of the Haskalah», Jan Van Coillie, Jack McMartin (eds.), *Children's Literature in Translation. Texts and Contexts*. Leuven: Leuven University Press, 73-91.
- STEINER, George. 1997. *Errata. Na Examined Life*. London: Phoenix.

- TWAIN, Mark. 2011. *Mark Twain's Adventures of Tom Sawyer and Huckleberry Finn*, ed. Alan Gribben. Montgomery/Alabama: NewSouth Books.
- VENUTI, Lawrence. 2013. *Translation Changes Everything. Theory and Practice*. London and New York: Routledge.
- VIEIRA, Alice. 2013. *O Mundo de Enid Blyton*. Alfragide: Texto.
- WILLIAMS, Raymond. 1971. *The Long Revolution*. Harmondsworth: Penguin Books.